

Camões e a Língua

JOSÉ LOURENÇO DE LIMA

O século dezesseis assinalou, para algumas línguas do Ocidente, a maturidade, ou seja, sua definitiva fixação.

A língua portuguesa teve em Camões, nesse século, sua maior figura. Seu gênio imprimiu à língua estruturas definitivas, pode-se, com certo exagero, afirmar. Já se disse que Camões está para o português como Ênio para o latim, Dante, para o italiano e Lutero, para o alemão. Muitas inseguranças fonéticas, morfológicas e sintáticas, até, do português medieval tiveram no grande épico-lírico o mestre que as remediou. Há, em Camões, uma singularidade: restaurou a presença do latim na feitura da língua portuguesa, que o português arcaico apresentava tão deformada, embora, paradoxalmente, mais vizinho do latim falado, de que era natural continuação, como as demais línguas românicas. É que o latim falado, deformava-se continuamente pela natural força centrífuga, que lhe comandava o destino, enquanto o português renascentista, influenciado pelo latim literário, era mais latim, sem deixar de ser, igualmente, mais português. Era necessário imprimir à língua uma disciplina que ela não conhecia nos textos arcaicos da Idade-Média, e tal disciplina, como era próprio da época, só lhe poderia advir pela influência do latim literário, aprendido nas grandes obras dos clássicos latinos de que se nutria o Renascimento, de par com a contribuição grega, transfundida através da cultura latina, enriquecida do saber helênico, sem o qual não teria sido o que foi.

Não se poderia conceber renascentista nas letras, sem uma língua que estivesse à altura desse novo espírito que precisava comunicar-se, expandir-se, através de um instrumento apropriado.

do. A língua vinda da Idade Média não tinha condições de expressar o mundo de emoções e novas idéias que os tempos modernos suscitavam.

No caso de Portugal, surgiu um dilema inquietador: ou as novas idéias se difundiriam em latim, língua supra-nacional e comum à cultura do Ocidente, ou em espanhol, vizinho mais culto, mais polido, mais disciplinado, já vitorioso, com um acervo de obras que lhe testemunhavam a maioridade.

Fazê-lo em latim não significaria uma *diminutio capitis*", pois que o latim era a língua da cultura, em geral. A literatura medieval portuguesa tem, no seu acervo, produções em latim, particularmente na Hagiografia e nos Livros de Linhagem. Também o próprio século XVI incorpora obras em latim, como o "*De rebus Emmanuelis gestis*", de D. Jerônimo Osório. Seria o testemunho de apreço à língua tão nobre e tão rica, como aliás continuou a fazê-lo o Ocidente até princípios do século XIX. Mas, o latim seria um meio de comunicação privativo de pessoas de alto nível cultural. Seria privilégio de uns poucos.

O espanhol significaria, se a ele se recorresse, uma confissão irrecusável de minoridade para Portugal, em que pese à existência de obras bilingües, que se busca explicar, mas não justificar. Explicar pela vizinhança geográfica, pela identidade de formação, pelo espírito ibérico, enfim. Conhecemos a contribuição bilingüe de Gil Vicente para quem "na castelhana linguagem achará (alguém) quanto pedir". E o próprio Camões, também escritor bilingüe, não esconde seu entusiasmo, quando confessa:

"escuta um pouco, nota e vê Umbrano,
quam bem soa o verso castelhano".

Era o espírito de seu mavioso mestre Garcilaso que a tanto o seduzira.

"A esta época o castelhano, desbastado e amoldado por mãos de mestres, adquirira a plenitude mórfica e estética, enquanto o vernáculo (o português) jazia em relativa bruteza,

rude e desacepilhado. Sá de Miranda esforça-se em vão por domar-lhe a braveza ao querer dobrá-lo às formas poemáticas da escola italiana, no que poetou em "*stil nuovo*"; bem melhor se sai na língua emprestada que na materna.

Mas a inferioridade caduca breve; para glória do gênio português, os quinhentistas, tomados de emulação, quase todos sem quebra da irmã mais adiantada e mais rica, não descansam enquanto não adereçam a língua natal com os mesmos dotes e valias.

Tanto os poetas e prosadores, como os gramáticos e retóricos, exaltam-na à compita com justo orgulho nativista, até que, como dizia o seu entusiasta Antônio Ferreira "senhora vá de si, soberba e altiva". São considerações do Professor Ricardo Jorge, estudando a reciprocidade das culturas castelhana e portuguesa, no século XVI.

Escrever é comunicar-se através de vocabulário amplo, preciso, disciplinado.

Urgia ampliar os recursos de expressão. A central de abastecimento teria de ser o latim do qual era continuação a nascente língua portuguesa.

Desde os seus primórdios, na Idade Média, a língua começara a enriquecer-se com os termos alatinados vindos com as traduções.

Muito se deve, nesse sentido, a Frei João Alvares (Crônica do Infante Santo, sec. XIII) de quem disse um estudioso do mesmo século, ao examinar a linguagem daquele autor: "E que não faz o aliás erudito Frei João Alvarez? Parece quis trasladar todas as palavras latinas para o nosso idioma" (Apud Serafim da Silva Neto — História da Língua Portuguesa, p. 405).

E assim se vai formando o instrumento lingüístico que servirá, mais tarde, aos gênios literários de Fernão Lopes e Luís de Camões (id. ibid.).

Para o aperfeiçoamento da prosa muito concorreram os religiosos dos Mosteiros de Santa Cruz e Alcobaca, excelentes

tradutores do latim, francês e espanhol. No século XV, há o apogeu da prosa e declínio da poesia (Garcia de Resende) com os grandes cronistas, entre os quais avulta a figura de Fernão Lopes, criador da prosa artística: "Em suas mãos de artista, a língua perde a primitiva dureza e toma aspectos novos de flexibilidade e doçura". (Id. p. 408).

Para Southey, Fernão Lopes foi "o maior cronista de todas as épocas e nações", notadamente na sua Crônica de D. João I (Vida admirável do estupendo Mestre de Aviz).

Aubrey Bell — sobre Fernão Lopes: "o seu estilo é sempre claro e natural, servo fiel do assunto, reproduzindo admiravelmente a cor e o som dos acontecimentos narrados, de modo que nem as longas orações ficam obscuras ... A sua história está escrita com nobreza" (A Literatura Portuguesa, História e Crítica).

Fernão Lopes, cronista-mor foi nomeado por D. Duarte (1434) encarregado de "poer em caronyca as estorias dos reis que antygame em Portugal foron ..."

O século XVI, com o deslumbramento dos mundos novos que se abriam à curiosidade do homem, estava a exigir desse mesmo homem os meios de fixar para a posteridade tanta grandeza, inclusive a grandeza de suas potencialidades interiores. Descobriria, Portugal, novos mundos, e "mais mundos descobriria, se os houvera ..." Também descobriria o homem.

Jaime Cortesão escreveu a esse propósito palavras de profundo calor: "Esse é, na verdade, um momento magnífico. Quem abrange do alto os fatos da história universal, entre os fins do séc. XV e os meados do seguinte, tem a impressão deslumbradora de que uma gigantesca e poderosa mão, num gesto brusco, rasgou de alto a baixo o espesso véu que encobriu a terra para a entremostrar aos olhos assombrados dos homens, no esplendor da sua virgindade e formosura" (Silva Neto — op. cit. p. 443).

"... O homem do século de Quinhentos realizou um espantoso romance à Júlio Verne: foi de súbito arrojado sobre um planeta novo e imenso" (id. ibid.).

Tudo isso reclamava novos meios de expressão. Surgem os grandes humanistas. Aires Barbosa inaugura, em Salamanca, os estudos helênicos. André de Resende brilha, elevando a cultura portuguesa aos olhos da Europa. Estuda-se intensamente o latim. Também as mulheres de quem se motejava: "Mula que faz him! e mulher que sabe latim tem má fim". Gonçalo Fernandes Trancoso (1681) afirmava que "o mancebo nobre deve ser douto na língua latina e grega".

Esta intensificação dos estudos latinos explica o crescimento quantitativo e qualitativo da língua portuguesa.

Os novos vocábulos possibilitam a expressão das novas idéias. Incorporam-se ao léxico não como neologismos propriamente ditos, pois que, sem eles, a pobreza dos primeiros séculos se manteria e a cultura não teria divulgação.

"É na língua, na qual quando imagina
Com pouca corrupção crê que é latina" (I, 33)

buscou, o Poeta, em suas fontes, os novos recursos de expressão.

Antes de apreciar a posição de Camões no que concerne à língua, é de toda conveniência observar o que por ela fez Sá de Miranda, mestre de Camões e de Antônio Ferreira, entre outros.

A influência de Sá de Miranda, dos homens mais cultos do seu tempo, familiar de grandes vultos do Renascimento italiano e espanhol, Bembo e Garcilaso, como principais, foi enorme.

Todavia "o escritor não conseguiu, apesar de seus ingentes esforços, dar-lhe a maleabilidade que ela veio a adquirir nas mãos dalguns discípulos, notadamente, Camões", acentua o Prof. J. Tavares, à página 39, de sua obra "Como se devem ler os clássicos".

Outro que se notabilizou pelo enriquecimento e defesa da língua, foi o poeta Antônio Ferreira. Constituiu-se mesmo o guardião da língua, defendendo-a e batalhando pela sua preva-

lência sobre outros idiomas que a ela buscassem sobrepor-se. Censurava os escritores bilingües. Dele disse Diogo Bernardes:

“Verei com secos olhos seca a veia
Que, dando à Pátria tantos versos raros
Um só nunca lhe deu em língua alheia”.

A ele se deveu a introdução na literatura, do epigrama, da ode, do epitalâmio e da primeira tragédia Castro.

“Depois de Camões, ele foi o que mais enriqueceu o idioma, não só pelo seu pensar sublime, mas também pelo que imitou dos gregos e dos latinos, em cujas línguas era doutíssimo”. (Francisco Dias — Memórias da Literatura Portuguesa da Academia, p. 93, citado por Tavares).

Mas, o ponto alto no conhecimento, uso e aperfeiçoamento da língua, foi inegavelmente Luís de Camões.

“A língua pode dizer-se que foi Camões quem a criou, tal como ainda hoje se escreve e se fala, disciplinando-a, dobrando-a de todas as formas, tornando-a um dos mais belos instrumentos das literaturas modernas. A poesia na sua forma culta e literária, foi ele que a tornou compreensível e nacional, baseando-se na tradição do lirismo popular, libertando-a do convencionalismo clássico, dando-lhe os metros que mais quadram à locução vernácula, à fala, à cantiga, ao ouvido lusitano, escrevendo-a não para os eruditos, nem para os reis, nem para os cortesãos, nem para os sacerdotes, mas unicamente para o grande e incorruptível juiz supremo da arte — o povo”. São palavras, descontados os assomos de entusiasmo exagerado, de Ramalho Ortigão, no prefácio de *Os Lusíadas*, ed. do Gabinete Português de Leitura, 1880.

Nenhum testemunho parece mais valioso do que o de D. Carolina Michaelis: “Camões é um sábio artista da Renascença, possuidor da educação completa dos espíritos mais cultos da época. Imitou modelos antigos quanto à composição, e os italianos quanto à forma; é, apesar disso, moderno e nacional”. (*Os Lusíadas* — ed. da Biblioteca Românica).

É o mais clássico dos escritores do século XVI, sem deixar de ser um dos mais portugueses.

“Os Lusíadas nos dizem tudo quanto se sabe no séc. XVI” (Oliveira Martins — J. Tavares — op. cit. p. 44).

Toda a língua portuguesa de então se encontra em *Os Lusíadas*. Para Schlegel, “Camões vale por si só uma literatura”, e para Humboldt, “é o Homero das línguas vivas”.

Em matéria de vocabulário, todo o acervo de termos novos introduzidos na corrente do léxico está registrado no Dicionário de *Os Lusíadas*, organizado pelos sábios camoneólogos Afrânio Peixoto e Pedro A. Pinto. São cerca de 5.000 palavras diferentes que o Poeta empregou em seu poema.

O ilustre professor português Estanco Louro (citado por Serafim Silva Neto) se empenhou em fazer uma singular e curiosa distribuição desses termos. O Poema — ou Bíblia como chama com certo acento religioso — tem cerca de 55.000 palavras, distribuídas nas 1102 estrofes. Das 5.000 em apreço, 375 são de origem popular; 478, de linguagem erudita; 355, em desuso; 3.038, de uso normal; descontando-se 954 nomes próprios. (*Os Lusíadas e o Povo Português*. Lisboa, 1927).

Este levantamento é suficiente para se ter uma idéia da sua contribuição à língua portuguesa, n’*Os Lusíadas*, porque o lírico e o dramático estão aproveitados no épico. Pouco haveria o que acrescentar.

Camões conseguiu condensar no seu Poema o passado e presente da língua, com perspectivas futuras, pois que o que introduziu de novo se fixou e passou a constituir o cabedal de expressão lingüística de que se valeram seus contemporâneos e se valeriam as gerações futuras.

Poeta do povo, pois que Epopéia é poema fundamentalmente do povo, que lhe diz de perto, porque é a sua história, registra em sua obra termos populares vigentes à sua época e populares que eram vinculados à Idade Média, transmitidos pela tradição oral. É de interesse notar que esses termos popu-

lares ainda circulam no linguajar das nossas populações interioranas, às quais não chegaram ainda os benefícios da escola que disciplina a língua com o polimento, diria quase policiamento, no sentido autenticamente etimológico — *polis* — da linguagem erudita ou medianamente erudita. Eis uma pequena amostra nesse setor de contribuição popular: *abastar* — *abondança* — *alembiar* — *alimpar* — *Anrique* — *assoprar* — *bautismo* — *dereito* — *estâmagô* — *Federico* — *liança* — *peixe* — *prantar* — *reposta* — *resplandor* — *saluçô* — *sujugar* — *treição*, e muitos outros que o eminente filólogo e historiador da língua, Serafim da Silva Neto, insere em sua obra já citada.

Quanto à terminologia erudita, Camões revela-se o profundo conhecedor do latim, com o qual opera uma autêntica transfusão no vocabulário do século XVI, seu tanto enfermigo para lhe acompanhar o estro genial que para “tanto dizer” necessitava “com que dizer”. E o latim, ontem e hoje, será sempre o manancial inexaurível de que se valerão não só as línguas românicas, como as demais que necessitem de terminologia exata, precisa e concisa, para difundir as idéias de seus escritores. Sem o sentir, talvez, usa os termos eruditos com admirável segurança filológica, numa evolução lenta, quase latim, em formas intermediárias às hoje resultantes. Nessa linguagem, a transformação não é violenta. Aqui também “*natura non facit saltus*”.

Eis alguns exemplos expressivos: *abominabil*, *invencibil*, *terribil*, *visibil*, *feroce*, *audace*, *atroce*, *pertinace*, *aurífero*, *estelífero*, *belacíssimo*, *crástino divo*, *etéreo*, *ebúrneo*, *infando*, *mesto*, *niquícia*, *pudicicia*, *egrégio*, *ignaro*, *imbele*, e tantos, tantos outros.

À sua época, era freqüente entre os escritores o recurso à terminologia da fase arcaica, de certo para maior expressividade, consoante lhes convinha. Com esse procedimento, não se pode dizer que eram arcaizantes. Na antiguidade clássica latina, um escritor do porte de Salústio valia-se, para ser mais expressivo, de termos arcaicos. É um direito que assiste ao escritor que busca imprimir ao próprio estilo matizes que o leitor deve, se não aceitar, ao menos compreender. O prof. Silva Neto não registrou um grande número. Dos poucos que apon-

ta, vão alguns, aqui: *asinhar*, *madre*, *acude*, *esteis* (estejais), *imos*, (vamos), *sigue* (segue), *tereis* (tereis), *vedelos*, *cento* (cem), *uã*, *lhe* (lhes) *quem* ... *quem* (um ... outro), *foca* (masc.), *fim* (feminino).

Algumas particularidades sintáticas destaca o Prof. Silva Neto, valendo notar o particípio concordando em gênero com o complemento, quando auxiliado por *ter*:

“Depois de *ter pisada* longamente,
cos delicados pés a area ardente” (I — 17).

Desejar com a preposição *de*:

“*Deseja de* comprar-vos pera genro” (I, 16).

Conjugação reflexa, em vez da passiva comum, com o agente expresso:

“Por ele o mar remoto navegamos
Que só dos feios focas *se navega*” (I, 52).

A palavra *homem* equivalente a uma pessoa:

“... ou por segredos que *homem* não conhece”
(II, 69).

Ousar seguido de infinitivo com *a*:

“*Ousou algum a ver* o mar profundo” (V, 86).

Dei-me o trabalho de fazer uma coleta de construções, encontradas ao longo do Poema, porque se repetem, nos dois primeiros cantos. Suponho não serem novidades, tantas, aos milhares, são as incursões dessa natureza.

Que, com valor causal:

“*Que* não é prêmio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno” (I, 10).

Que — final (para que)

“*Que* se espalhe e se cante no universo
Se tão sublime preço cabe em verso” (I, 5).

Agente da passiva com *de*:

“... Vereis amor da Pátria, não movido
De prêmio vil, mas alto e quase eterno” (I, 10).

Como — com valor temporal:

“... Que debaixo da águas mole cresce,
E, *como* é fora delas, se endurece” (I, 77).

Exemplos de *formas latinas* pouco evoluídas:

“A lei tenho dAquele a cujo império,
Obedece o *visibil* e o *invisibil*” (I, 65).

“Mas o animal *atroce* nesse instante” (I, 88).

Particípio variando com o auxiliar *ter*:

“E porque como vistes, têm *passados*
Na viagem tão asperos perigos” (I, 29).

Forma pronominal expletiva com o verbo *partir* é frequente:

“Logo cedo um dos deuses se partiu” (I, 41).

Tanto que — por *logo que*

“*Tanto que* estas palavras acabou” (I, 82).

Intercalação curiosa do advérbio em voz reflexa:

“Para se *aqui* deter não vê razão” (I, 44).

Infinitivo inflexionado, em vez do flexionado:

“E que do céu à terra enfim desceu
Por subir os mortais da terra ao céu” (I, 65).

Em outro passo, inflexiona como fazemos hoje:

“Isto dizendo, mando os diligentes
Ministros *amostrar* as armaduras” (I, 67).

A preposição *com* indicando simultaneidade no sujeito composto:

“Que eu, co’o grão macedonio e o romano
Demos lugar ao nome lusitano” (I, 75).

Aonde — por onde

“Que *aonde* a gente põe sua esperança
Tenha a vida tão pouca segurança” (I, 105).

Infinitivo flexionado, por ênfase:

“Que os mouros cautelosos se guardaram
De *lhe mostrarem* tudo o que pediam” (II, 9).

Observa-se a forma arcaica *lhe* por *lhes*.

Transposição violenta de termos, ocorrência frequente no Poeta, que o torna, à primeira vista, de difícil compreensão. É a influência da construção latina, que dispunha dos casos, e o Poeta, não.

“Como os que, só das línguas que caíram
De fogo, várias línguas referiram” (II, 11).

“A quem se o Rei mostrou sincero amigo” (II, 14).

“Mas, se *lhe* o regimento não consente” (II, 87).

“A grita se levanta ao céu, da gente” (II, 91).

O pronome apassivante *se* com verbo no singular e sujeito no plural:

“E como por toda Africa *se soa*

Lhe diz, os grandes feitos que fizeram” (II, 103).

Por que — no sentido de para que:

“Manda dois mais sagazes ensaiados
Por que notem dos mouros enganosos
A cidade e poder” (II, 7).

Expletivo com o verbo *embarcar*:

“Quando o Rei melindano *se embarcava*” (II, 92).

Formas pleonásticas abundam:

- “Não entra para dentro, obedecendo” (II, 15).
 “Dentro no falso ria entrar queria” (II, 14).
 “Feitos de armas grandíssimos fazendo” (II, 50).

Coletivo com verbo no plural:

- “O grande estrondo a maura gente espanta
 Como se *vissem* horrída batalha” (II, 25).

Partitivo com advérbio:

- “Que assaz *de mal* lhe quero,
 pois que o ano...” (II, 40).

Fuge — por *foge*:

- “Quando Mercúrio em sonhos lhe aparece
 Dizendo *fuge*, *fuge* lusitano” (II, 61).

Lhe — por *lhes*:

- “A ferro e a fogo as gentes vão matando
 Por roubar-*lhe* as fazendas cobiçadas” (II, 80).

Sujeito composto com verbo no singular:

- “... e partia
 Para onde o sonho e o mouro *lhe dizia*” (II, 71).

Não constitui nenhuma glória, nem trabalho profícuo, submeter Camões a crivos de gramática normativa, fazendo-lhe o levantamento da sintaxe na variedade de seus aspectos. Um escritor desse porte, com as credenciais que o mundo culto lhe confere, paira muito acima das teias da gramática policialesca e estéril.

Se fizemos esta incursão é que pretendemos, também nisso, apontá-lo como mestre da língua no século de sua maioridade.

O Sr. Gilberto Freyre em recente e excelente conferência sobre Camões, mestre da Comunicação, melhor da Informática,

sob os auspícios da Associação de Imprensa de Pernambuco, aludiu aos acusadores, mais invejosos de que justos juizes do Poeta, que “não sabia gramática”. E quem a sabia, naqueles remotos tempos, melhor do que ele? A acusação pecava pela fonte altamente suspeita: Agostinho de Macedo, desvairado de inveja e despeito, porque nem do Poeta se poderia aproximar, “a fortiri” superá-lo.

As infrações, quando as há, se explicariam pela necessidade de expressão, pela ênfase e pela porta larga da licença poética. Camões não degradou a língua. Enriqueceu-a. Saber gramática é incomparavelmente mais fácil do que arquitetar e realizar tamanha obra.

Camões é mestre da língua, porque a elevou a alturas até então desconhecidas, imprimindo-lhe ressonâncias impressentidas com um poder de comunicação que o torna pintor e músico da palavra. “Musicalidade e sonoridade na comunicação. O que comunica, grava-se. É pictórico. Visualiza a informação. Para Voltaire foi como os pintores italianos, acentua o Sr. Gilberto Freyre, na sua conferência, para quem foi, igualmente, o Poeta o grande repórter que revelou África e Ásia à Europa. Repórter também fora chamado César, das próprias campanhas, tão bem fixa o que transmite e tão bem transmite o que fixa. Victor Hugo se orgulhava de ser repórter.

Não é difícil destacar tópicos de *Os Lusíadas* dos quais o Poeta surja com a força extraordinária dessa virtude pictórica, tantos e tão variados se encontram disseminados no Poema.

Destaque-se um, de todos os leitores conhecido e admirado, tomado ao episódio do Adamastor, tido como a mais vibrante prosopopéia da Literatura Portuguesa.

“Não acabava, quando uma figura
 Se nos mostra no ar, robusta e válida
 De disforme e grandíssima estatura;
 O rosto carregado, a barba esqualida,
 Os olhos encovados, e a postura
 Medonha e má e a cor terrena e pálida;

Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos” (V, 39).

Completa o perfil do Gigante, na estrofe seguinte, com a mesma veemência e poderosa força imaginativa a cujo serviço está, prestimosa e harmoniosa, a língua.

“Arrepiam-se as carnes e o cabelo,
A mim e a todos, só de ouví-lo e vê-lo” (Id., 40).

É o remate do quadro admirável.

A propósito destas virtudes pictóricas do Poeta, César Leal, também poeta, aprecia as qualidades de poeta barroco em Camões, nas minúcias e pompa com que descreve a indumentária do Gama e também na expressividade de sons e ritmos usados na *pintura* do Gigante Adamastor, (Estudos Universitários, números 2/3, abril 1967, p. 142).

O ensaio do crítico e poeta pernambucano é um estudo profundo e sério sobre Camões, que deve ser lido e estudado.

O mundo inteiro está celebrando o IV Centenário da publicação de *Os Lusíadas*, e celebrá-lo-á por séculos afora, que uma obra dessa feição desafia os séculos. É o “*monumentum aere perenius*” a que se referia Horácio. E celebra-o não como simples tributo a uma obra de gênio, que estivesse desatualizada, merecendo embora o respeito devido aos deuses mortos . . . A atualidade de Camões não se impõe como favor; impõe-se pelos seus merecimentos intrínsecos.

“Este poema pode continuar atual, isto é, presente e efetivo, se o soubermos ler. Ele apresenta, ao lado de um conceito de grandeza imperial superado, um sentido de confiança no homem e no seu destino que é bem dos nossos dias. As idéias com que o poeta joga, são válidas e exaltantes. A formulação poética atinge fulgurações que compensam um eventual esforço de leitura”. São palavras do Prof. Victor Ramos, da Universidade de São Paulo, no Prefácio de *Os Lusíadas*. Cultrix, 1972.

“A nossa língua, a nossa cultura, não dispõem, afinal, de tantas obras primas que nos possamos dar ao luxo de deixar de lado um monumento do porte de *Os Lusíadas*. A leitura da epopéia de Camões continua possível, ela nos enriquece, é vivaz e atual. Não se mumifica, nem se limita a um fim absolutamente gramatical e vocabular”, remata o mesmo Professor.

Nunca se faz tanto mal a Camões quando se pretende submetê-lo à famigerada e torturante análise sintática. Deleitavam-se com a tortura imposta antigos mestres que, embora talentosos, sofriam “du mal du siècle”. E como brilhavam seus olhos com o tontear do estudante em busca da oração chamada “principal” ou de uma cláusula tal ou qual, rica de sutilezas e de inutilidades! Camões, assim, não poderia deleitar, não atrairia, afugentava. Não foi sem razão que certo estudante, em desespero, desejou como vingança que, melhor fora no naufrágio que sofrera o Poeta, empenhado em salvar o manuscrito, salvo afinal, houvesse submergido com *Os Lusíadas*. E não estaria sendo torturado.

De Tácito dissera Mommsen — “Tácito não se traduz, sente-se”; de Camões poderemos dizer, parodiando: Camões não se analisa gramaticalmente, sente-se esteticamente pelo mundo de emoções que nos proporciona. “É, de fato, um poema universal. Em *Os Lusíadas*, respira-se saúde e alegria de viver; os deuses e os homens amam, brigam, são maliciosos, fanfarrões; os heróis acham-se ao nosso alcance. O veículo poético que movimenta esta humanidade é plástico e cambiante; vai da elegia do naufrágio da Sepulveda à retórica das invocações aos deuses; da descrição objetiva, seca e precisa, de uma tempestade no mar, ao derramamento do entusiasmo patriótico; da tragédia grega da partida das naus à comédia de Veloso que “mais apressado do que fora, vinha”; da sátira política à banalidade do quotidiano. A “*vis poetica*” era indissociável da “*vis erótica*”.

Circula pelo poema um ar de liberdade amorosa, de defesa dos direitos do amor, vive-se aí num clima de pan-erotismo saudável. Vênus é mais mulher do que deusa, o desejo de eternidade dos heróis consubstancia-se na Ilha dos Amores. Este

desejo de prazer, sublimado ou não, constitui mais um elemento humanístico presente na epopéia”. (Victor Ramos, op. cit.).

“Sua obra poética deve ser conhecida pelo leitor moderno e principalmente pelos estudantes e poetas jovens, pois é preciso saber o que num grande poeta pertenceu apenas ao seu tempo e o que, superando o próprio tempo, alcança o futuro, como parte inseparável do espírito humano, em todas as épocas”, observa César Leal, no ensaio já citado.

Creemos que a melhor homenagem que poderíamos prestar ao Poeta, neste ano quatricentenário, seria ler ou reler *Os Lusíadas*, com o desejo e o propósito de captar-lhes a mensagem de confiança no Homem, que é o centro e o móvel da epopéia, tão grande quanto a de Virgílio a quem seguira bem de perto, como fizera Dante, tão densa quanto a de Homero, a quem se compara, na expressão já citada de Humboldt.

Dos feitos portugueses, bem acima daqueles do sábio grego e do troiano, dissera o Poeta:

“... Que se cante e se espalhe no Universo
Se tão sublime preço cabe em verso”.

De seu Poema, repositório do saber renascentista, nele acumulado e “também de experiência feito” porque o fez “vendo, vivendo e pelejando”,

“Qual Cânace que à morte se condena
Numa mão a espada, noutra a pena”,

digamos reverentes:

Que se leia e se propague no Universo ...

Camões e o povo em *Os Lusíadas*

JOEL PONTES

A aproximação entre Camões e o povo não é muito aparente em *Os Lusíadas*. Dir-se-ia que o poeta gastou-a na lírica, sobretudo com a medida velha, dando-se em seguida por livre para seguir seus modelos renascentistas. O convívio com o povo transparece de vários modos nas glosas, no uso das redondilhas, nas expressões populares (algumas ainda hoje em uso), nas circunstâncias de certos poemas graciosos. É fácil detectá-las. Não devia ser fidalgo aquele João Quaresma, da Índia, que chicoteou uma mulher, nem ela de alta jerarquia para Camões divertir-se com a surra:

Não torneis a ser errada,
Nem condeneis a vós mesma,
Pois estais já emendada;
E não sereis por Quaresma
Outra vez disciplinada.

Nem podia ser de sangue azul aquela dona que chamou Camões de diabo:

Já que chegais tanto ao cabo,
Com as mãos postas aos Céus,
Vou sempre pedindo a Deus
Que vos leve este diabo.

A uma dama que estava doente, o poeta endereçou estrofe ambígua que não cometeria se alguém punisse por ela:

Que eu, por ter, fermosa Dama,
A doença que em vós vejo,
Vos confesso que desejo
De cair convosco em cama.
Se consentis que me vença
Deste mal, não houve gente
Da saúde tão contente,
Como eu serei da doença.